

As Pesquisas Brasileiras sobre Jornal na Escola e as Contribuições do Pensamento de Paulo Freire: Um Estudo com Dissertações e Teses de 2001 a 2009¹

Rafaela Bortolin PINHEIRO²
Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

O presente estudo é uma pesquisa do tipo *estado do conhecimento* e apresenta a segunda fase de um estudo iniciado em 2011 a respeito do uso de jornais em sala de aula. Seu objetivo geral é: investigar se e como o pensamento de Paulo Freire foi trabalhado em dissertações e teses defendidas no Brasil a respeito do uso de mídias impressas na escola entre 2001 e 2009. Quanto aos aportes teóricos, temos Gadotti (2007), Freinet (1974a, 1974b), Freire (2003, 2006, 2011a) e Freire e Guimarães (1984). Entre as conclusões, à luz de Freire, compreendemos que é a curiosidade epistemológica, a leitura crítica de textos e imagens e o diálogo amoroso, crítico e respeitoso entre educandos/as e educadores/as e deles/as com o mundo que tornam o uso de mídia na escola realmente uma *educação para a comunicação* autêntica, consciente e libertadora.

PALAVRAS-CHAVE: jornal na escola; jornal escolar; leitura crítica; Paulo Freire; educação libertadora.

INTRODUÇÃO

O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa do tipo *estado do conhecimento* e tem como objeto o *uso de jornais como recursos didático-pedagógicos*. A investigação se desenvolveu a partir da seguinte pergunta de pesquisa: quais as contribuições que o pensamento do educador brasileiro Paulo Freire (1921-1997) pode oferecer às investigações a respeito das mídias impressas na escola?

Esta pesquisa visa apresentar a segunda fase de um estudo iniciado em 2011 a respeito do *uso de jornais em sala de aula* a partir de dissertações e teses defendidas no Brasil entre 2001 e 2009 (PINHEIRO; VOSGERAU, 2011). Na presente investigação, aprofundamos a análise no sentido de identificar se Paulo Freire é uma referência nos estudos a respeito de mídia impressa na escola e em que perspectivas suas obras são utilizadas para embasar os estudos desenvolvidos no Brasil entre 2001 e 2009.

¹ Trabalho apresentado na DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

² Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), com período sanduíche na Université de Fribourg (Suíça). Mestre em Educação e graduada em Comunicação Social - habilitação em Jornalismo também pela PUCPR. E-mail: rafaelabortolin@hotmail.com.

Para responder à nossa pergunta, definimos como objetivo geral *investigar se e como o pensamento de Paulo Freire foi trabalhado em dissertações e teses defendidas no Brasil a respeito do uso de mídias impressas na escola entre 2001 e 2009*. Quanto aos objetivos específicos, consideramos pertinente: indicar as possibilidades de uso de jornais na escola; identificar as principais características das pesquisas brasileiras a respeito de mídias impressas em sala de aula; e compreender as possibilidades e contribuições do pensamento freiriano na perspectiva da leitura e da produção de mídias na escola.

Tendo como foco as mídias e sua relação com a Educação, em seu diálogo com o educador brasileiro Sérgio Guimarães, Freire explicou que,

mesmo quando não venho tratando desses chamados meios de comunicação em trabalhos meus anteriores, mesmo quando não falo diretamente sobre eles, eu os considero, por exemplo, dentro do horizonte geral da teoria do conhecimento que venho desenvolvendo nos meus trabalhos sobre educação (FREIRE; GUIMARÃES, 1984, p. 40).

Assim, levando em conta essa inclinação de Freire para pensar sobre os meios de comunicação, compreendendo que Freire é um autor fundamental para o desenvolvimento do pensamento comunicacional na América Latina (MARTIN-BARBERO, 2014) e considerando que na primeira fase de nosso estudo identificamos como os resultados das dissertações e teses convergiam para a perspectiva do trabalho com o jornal em sala de aula como uma maneira de despertar e incentivar a leitura – e, mais profundamente, a leitura crítica – entre alunos e alunas, nos pareceu importante compreender se os estudos a respeito do uso de jornais na escola no Brasil traziam referências a Freire e suas contribuições no sentido de desenvolver uma educação libertadora, fundamentada na comunicação e na leitura crítica dos meios.

Quanto à metodologia, realizamos um estudo do tipo *estado do conhecimento*³, segundo Romanowski e Ens (2006) e Zuffo (2011), e elaborado a partir do levantamento da produção científica sobre o *uso de jornais na escola* junto ao Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Romanowski e Ens (2006, p. 39) explicam que as pesquisas do tipo estado da arte

³ Romanowski e Ens (2006) diferenciam os estudos do tipo *estado da arte* como aqueles que estudam os resumos de dissertações e teses, produções em congressos e pesquisas em periódicos, enquanto aqueles do tipo *estado do conhecimento* abordam apenas uma parte das publicações sobre o tema proposto.

procuram identificar os aportes significativos da construção da teoria e prática pedagógica, apontar as restrições sobre o campo em que se move a pesquisa, as suas lacunas de disseminação, identificar experiências inovadoras investigadas que apontem alternativas de solução para os problemas da prática e reconhecer as contribuições da pesquisa na constituição de propostas na área focalizada. [...] Esses trabalhos não se restringem a identificar a produção, mas analisá-la, categorizá-la e revelar os múltiplos enfoques e perspectivas.

Zuffo (2011, p. 51) esclarece que, ao optar pelo estado da arte, o/a pesquisador/a realiza um mapeamento aprofundado da produção sobre o tema escolhido em um determinado período. Com isso, é possível ter contato com o que já foi estudado, analisar as produções, identificar suas principais características, tendências, lacunas e possibilidades de desenvolvimento. Neste sentido, o estudo delinea um panorama de como está a pesquisa já sistematizada e indica “caminhos para o desenvolvimento de outras propostas de investigação que possibilitem o aprofundamento e/ou a originalidade no trato de um determinado objeto de estudo” (MIRA, 2011, p. 47).

Para atingir os objetivos propostos, a pesquisa foi dividida em três partes. Na primeira, investigamos a respeito do uso de jornais na escola, suas principais características, limites e possibilidades. Aqui, nos fundamentamos em Gadotti (2007), Freinet (1974a, 1974b) e Freire (2003, 2006). Na sequência, a investigação se concentra especificamente nas características das pesquisas brasileiras a respeito do uso de mídias impressas em sala de aula, realizando a apresentação e a discussão dos dados coletados durante a primeira fase de nossa pesquisa. Em seguida, nos aprofundamos na segunda fase, visando identificar de que maneira e em quais perspectivas o pensamento freiriano foi utilizado nas pesquisas analisadas.

Por fim, a partir da análise das dissertações e teses, nos propomos a compreender o pensamento freiriano a respeito da leitura e produção de mídias na escola e as contribuições de Freire para os estudos sobre a educação para as mídias no Brasil. Aqui, nossos marcos teóricos são Freire (2011a) e Freire e Guimarães (1984).

O JORNAL NA ESCOLA: FOCO NO INCENTIVO À LEITURA

Apesar de parecer recente, a relação entre a Educação e os meios de comunicação de massa, especialmente os impressos, tem pelo menos quatro séculos de história. A imprensa, por exemplo, já era utilizada na educação dos futuros reis e dos filhos da nobreza no século XVII e eram profícuas as propostas de produção e utilização de

impressos como recursos didático-pedagógicos no trabalho com as classes populares no século XIX na Europa (PINHEIRO, 2017).

Gonnet (1995) explica que, historicamente, em relação às experiências de incentivo à leitura a partir de jornais publicados fora do ambiente escolar, merecem destaque as ações desenvolvidas pelo professor norte-americano W. H. Lynch, em Salem (no Missouri), que, ainda em 1884, era conhecido por distribuir jornais impressos durante suas aulas, uma vez por semana, para que os alunos realizassem a leitura e produzissem comentários sobre as principais notícias.

Em relação aos projetos iniciados e mantidos por empresas de comunicação, Viana e Silva (2000) destacam o jornal norte-americano *The New York Times*, que promovia o envio regular de exemplares para escolas em diferentes regiões dos Estados Unidos a partir de 1932. No Brasil, o jornal gaúcho *Zero Hora* manteve o primeiro projeto registrado neste sentido, ainda na década de 1980, mas logo despontaram iniciativas em outras cidades a partir de ações da *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *O Globo* e *Correio Braziliense*.

Atualmente os projetos envolvendo a leitura e produção de jornais impressos na escola se dividem basicamente em dois tipos: o *jornal na escola* e o *jornal da escola*. As práticas de *jornal na escola* basicamente reúnem ações focadas no desenvolvimento de atividades a partir do uso de jornais publicados por empresas de comunicação como recursos didático-pedagógicos em sala de aula. Há três possibilidades neste sentido:

- a) essas ações podem ser iniciadas e conduzidas a partir de iniciativas individuais ou coletivas de educadores e educadoras diante do desafio de diversificar os recursos utilizados para o trabalho com alunos e alunas; ou
- b) a partir de programas de envio regular de edições dos jornais mantidos pelas empresas de comunicação – responsáveis pela publicação de jornais de circulação regional ou nacional – e desenvolvidos em escolas cadastradas;
- c) também diz respeito aos textos e imagens publicados originalmente em jornais de circulação regional, nacional ou internacional e reproduzidos em livros didáticos, apostilas ou materiais de leitura utilizados na escola.

Em todos os casos, seja a partir do livro didático ou do contato direto dos alunos com os jornais, o ponto comum dessas ações é que a produção do jornal é externa à escola e sua utilização em geral motiva atividades de leitura das mídias de massa em sala de aula

ou é ponto inicial para o desenvolvimento de ações interdisciplinares a partir de textos e imagens publicados pelos periódicos.

Quanto ao *jornal da escola*, as ações têm foco na criação, redação e publicação de periódicos elaborados por alunos e alunas (com ou sem a participação de professores e professoras) na escola. A grande referência nesse tipo de trabalho é o educador francês Célestin Freinet (1896-1966) e sua obra *O jornal escolar* (FREINET, 1974b), publicada em primeira edição em 1957 na França. Tendo em vista a proposição de técnicas pedagógicas para o trabalho com as crianças filhas de camponeses no sul da França, a partir da década de 1920 Freinet já encorajava a produção do jornal escolar para o desenvolvimento da comunicação entre os alunos.

Para Freinet (1974b), o jornal escolar era uma técnica fundamental para a alfabetização das crianças, principalmente no sentido de ser uma reação à antiquada redação escolar e despertar a leitura e a escrita como meios de alegria e não de castigo ou sofrimento entre alunos e alunas.

No Brasil, Gadotti (2007) destaca que é a partir da década de 1990 que as discussões sobre as possibilidades e os limites do uso das mídias impressas na escola foram se ampliando, tendo em vista principalmente a crescente preocupação com a formação de leitores e leitoras entre as crianças e adolescentes. Assim, o jornal despontou como um meio para incentivar a leitura entre alunos e alunas em escolas brasileiras levando em conta que ele poderia despertar a curiosidade e o prazer em ler.

De fato, levando em conta tanto programas mantidos de empresas de comunicação, quanto ações individuais ou coletivas de iniciativa de educadores e educadoras para o uso de jornal na escola no Brasil, Pavani (2003), a partir de uma pesquisa com professores que costumavam utilizar o jornal em sala de aula, explica que 57% desses educadores consideravam que o jornal tornava os alunos mais críticos e participativos em relação à leitura.

Em pesquisa publicada em 2008 pelo Programa Jornal e Educação (PJE/ANJ), mantido pela Associação Nacional de Jornais (ANJ), o estímulo à leitura também foi destacado por educadores e educadoras como um dos principais benefícios do uso de jornal em sala de aula, sendo citados também (PROGRAMA..., 2008):

- a) ampliação do vocabulário, melhora da expressão escrita e oral e desenvolvimento da capacidade de argumentação de alunos e alunas;
- b) estímulo ao uso da imaginação e criatividade de crianças e adolescentes;

- c) aperfeiçoamento da capacidade de produzir e interpretar textos; e
- d) desenvolvimento de uma leitura crítica dos meios e da realidade.

Apesar dos benefícios frequentemente relacionados ao incentivo à leitura e, em menor proporção, de desenvolvimento da escrita, as ações envolvendo o uso de mídias impressas na escola exigem cuidado, principalmente no sentido de não estimularem a leitura superficial e ingênua das mensagens publicadas pelos meios.

Considerando que a qualidade das mídias comerciais de sua época deixava muito a desejar, Freinet (1974a) alertava que elas alimentavam um ciclo de ilusão, manipulação e acomodação do público, e era justamente por isso que se tornava fundamental encorajar a reação dos sujeitos diante dessa realidade.

Neste sentido, Gadotti (2007) ressalta como as práticas dos meios de comunicação de massa se concentram em um constante jogo de luz e sombra – ora revelando, ora encobrendo determinados olhares sobre o mundo. Dessa forma, seria fundamental o estímulo não somente à leitura dos meios entre alunos e professores, mas principalmente uma leitura crítica⁴ dos conteúdos, já que as mídias “[...] podem ser exploradas tanto para a libertação quanto para a manipulação” (GADOTTI, 2007, p. 8).

Assim, para evitar a manipulação, a principal preocupação seria encorajar alunos e professores a não restringirem seu contato com os jornais a uma leitura ingênua e, como defende Kaplún (2002), formar receptores críticos, preparados para ler, analisar e criticar os conteúdos que recebem a todo momento. Enfim, à luz de Paulo Freire, desenvolver a *leitura crítica* dos meios.

Neste sentido, Freire (2006, p. 11, grifo nosso) explica sobre a importância do

ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua *leitura crítica* implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Neste ponto, a *leitura crítica* se fundamentaria na capacidade dos sujeitos de formarem suas próprias opiniões a partir do contato com as mídias, questionarem as

⁴ Gadotti (2007, p. 67-68) define que a leitura crítica é aquela em que o leitor identifica “no texto o contexto, as raízes daquilo de que fala o texto. É o oposto da leitura ingênua ou superficial. [...] O leitor crítico precisa superar a primeira leitura, interpretativa e compreensiva, para relacioná-la com uma certa totalidade relativa a um contexto muito maior. [...] A leitura é crítica quando conduz o leitor a mudar a sua prática, a assumir de outra forma sua postura diante do contexto, isto é, diante do mundo. Através da leitura crítica, o leitor consegue interrogar o mundo e desacomodá-lo”.

informações publicadas nos meios de comunicação, compararem as abordagens de veículos diferentes e se tornarem mais autônomos, críticos e criteriosos quanto à qualidade das informações que recebem.

Indo além, educandos/as e educadores/as precisam se sentir estimulados/as a não só ler o que é publicado nas mídias comerciais, mas criar e desenvolver seus próprios meios de comunicação, sejam impressos, online, em áudio ou com imagens, nos quais possam, assim como defendia Freire (2003), dizer/escrever a partir de sua *voz autêntica*.

O JORNAL NA ESCOLA E AS POSSIBILIDADES À LUZ DO PENSAMENTO FREIRIANO: UM ESTUDO COM DISSERTAÇÕES E TESES BRASILEIRAS

A presente pesquisa visa desenvolver um aprofundamento de um estudo do tipo *estado do conhecimento* iniciado em 2011 a respeito do *uso de jornais impressos em sala de aula* a partir de dissertações e teses defendidas no Brasil entre 2001 e 2009 (PINHEIRO; VOSGERAU, 2011). A primeira fase tinha como objetivo geral realizar um levantamento da produção sobre *o uso de jornais na escola* no Banco de Teses e Dissertações da Capes. Quanto aos objetivos específicos, foram definidos: indicar as tendências investigativas sobre o assunto no Brasil, examinar as características destas pesquisas e verificar se os estudos relacionam o uso de jornais na escola com a formação e/ou o trabalho docente.

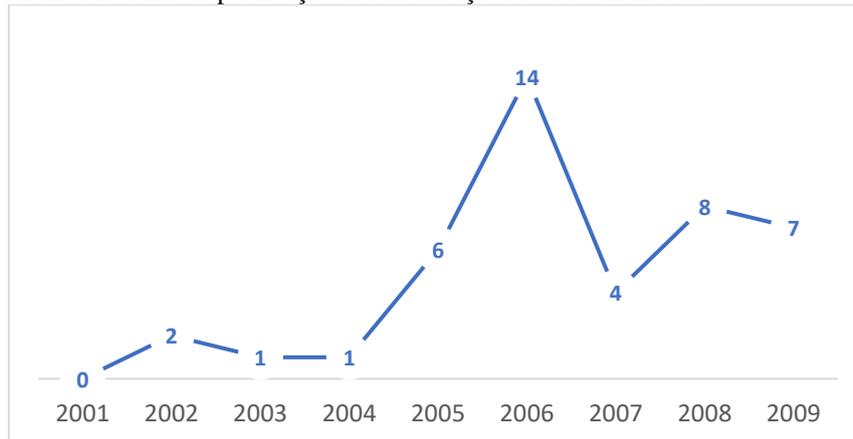
A metodologia desta fase do estudo foi desenvolvida a partir de onze etapas. A partir da análise dos resumos de 62 publicações (55 dissertações e sete teses), identificamos uma variedade de perspectivas de abordagem, mas a maioria das pesquisas se concentravam em investigar, identificar e analisar como o uso de jornais poderia ser um incentivo ao desenvolvimento da escrita e, principalmente, da leitura (inclusive da alfabetização), à formação de um leitor mais crítico e consciente e ao despertar da cidadania entre os sujeitos. A tendência dos estudos foi ressaltar os benefícios da utilização da mídia impressa na escola no sentido de atingir estes objetivos.

Enquanto na primeira fase da pesquisa foi desenvolvida a leitura e análise dos resumos das 62 publicações, nesta segunda fase optamos por tentar localizar os textos em sua versão integral e, realizando a leitura e a análise dos trabalhos em sua íntegra, identificar se e em que perspectiva essas dissertações e teses citavam Paulo Freire.

Conseguimos então ter acesso a 43 trabalhos, sendo seis teses e 37 dissertações localizadas em sua versão publicada oficialmente⁵. Essas publicações formaram o corpus da segunda fase de nosso estudo, sendo reunidas, lidas e analisadas de maneira integral, contemplando todas as possíveis citações ao pensamento e/ou às obras de Paulo Freire.

Quanto ao ano de publicação, as 43 publicações se distribuíram da seguinte forma:

Gráfico 1 - Ano de publicação das dissertações e teses analisadas



Fonte: a autora (2018).

Dos 43 trabalhos analisados, 24 apresentaram pelo menos uma obra de Freire entre as referências que embasaram teoricamente a dissertação ou tese. Ao todo, 13 obras foram citadas pelo menos uma vez entre os trabalhos analisados. São elas:

Quadro 1 - Obras de Paulo Freire citadas nas dissertações e teses analisadas

Título da obra	Trabalhos que citaram
Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa	13
Pedagogia do Oprimido	11
A importância do ato de ler em três artigos que se completam	8
Educação como prática da liberdade	5
Educação e mudança	3
Ação cultural para a liberdade	3
Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido	2
Extensão ou Comunicação?	2
Conscientização: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire	2
A experiência do MOVA São Paulo	1
Alfabetización: lectura de la palabra y lectura de la realidade	1
Professora, sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar	1
Quatro cartas aos animadores de círculos de cultura de São Tomé e Príncipe	1

Fonte: a autora (2018).

⁵ Para coletar as versões dos trabalhos na íntegra, primeiramente tentamos localizar a versão online de cada trabalho na biblioteca da universidade na qual foi defendida a dissertação ou tese. Caso o resultado fosse negativo, identificávamos o nome do/a autor/a e do/a orientador/a e tentávamos contato por e-mail para solicitar a versão integral do trabalho.

Entre as 24 publicações que tinham pelo menos uma citação a partir do pensamento de Freire, em todas despontam as referências à contribuição freiriana para a Educação, especialmente para a alfabetização, a educação de adultos e a educação popular. As pesquisas ressaltavam conceitos essenciais do pensamento freiriano, como a perspectiva de que homens e mulheres são seres inacabados, capazes de refletir sobre e transformar seu contexto. Neste sentido, Freire (2011b) fundamenta a perspectiva de Zanesco (2009) sobre a importância de professores e alunos terem uma postura dialógica, curiosa e indagadora não só nas aulas, mas diante de sua existência no e com o mundo.

Também foram frequentes as referências ao conceito freiriano de educação bancária (FREIRE, 2005), em contraponto à educação libertadora, que valoriza a cultura e o conhecimento dos educandos, incentiva a crítica, promove a autonomia e encoraja a reflexão e a ação transformadora sobre a realidade: uma educação em que não há alunos e professor, mas *educandos/as-educadores/as* e *educador/a-educando/a*, sujeitos que humildemente se educam juntos (FREIRE, 2005). Como ressalta Anhussi (2009, p. 36),

a partir de uma perspectiva crítica Freiriana, a educação é concebida como ato político, com uma prática voltada para a libertação e a superação da opressão, que só será possível mediante relações sociais dialógicas entre professores e alunos, que trabalham o uso livre e libertador da palavra escrita e falada.

Outro ponto destacado nas pesquisas foi a importância da relação dos sujeitos entre si e com o mundo, tendo em vista principalmente o respeito mútuo entre educadores e educandos, o grande valor do diálogo e do profundo compromisso dos sujeitos para realmente dialogarem e não só *fazerem comunicados* (FREIRE, 2005). Em sua pesquisa, Miranda (2007), por exemplo, apresenta os conceitos de educação bancária e educação libertadora, segundo Freire (2005), de maneira a contemplar a perspectiva libertadora em que sua proposta de jornal escolar poderia se inserir.

Dentre os 24 trabalhos que apresentaram ao menos uma obra de Freire entre suas referências, oito o citaram pelo menos uma vez para fundamentar sua perspectiva sobre leitura crítica e, especialmente, leitura crítica de mídia. Em geral, o foco era o conceito freiriano de que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 2006, p. 11).

Paroli (2006), pesquisando no sentido de avaliar o material de dois programas elaborados por empresas jornalísticas para o uso do jornal em sala de aula, parte da perspectiva freiriana de *leitura crítica* e defende a importância de os professores

desenvolverem uma compreensão crítica do ato de ler. Laube (2006, p. 24-25) corrobora a importância da leitura crítica à luz de Freire e defende que “[...] ler é reescrever o que estamos lendo. É descobrir, como dizia Paulo Freire, a conexão entre o texto e o contexto do texto e também vincular o texto/contexto ao contexto do leitor (FREIRE, 1983)⁶”.

Ferreira (2006) destaca a importância de Freire como um dos precursores da Educação para a Comunicação, sendo um expoente de uma Pedagogia da Comunicação focada na crítica dos meios. Para Anhussi (2009, p. 48), Freire é fundamental para a construção da relação entre Educação e Comunicação por ter apontado “para o caráter essencialmente dialógico dos processos comunicacionais”.

À luz de Freire (2005, 2011c), Anhussi (2009) defende a importância de uma educação que desperte nos/as educandos/as a atenção para selecionar o que os meios de comunicação lhes oferecem e que promova a compreensão das entrelinhas do discurso midiático. Para isso, a formação de professores é fundamental, já que,

a possibilidade de refletir sobre a inserção de seu uso [do jornal] na escola permite aos cursos de formação inicial de professores um olhar mais crítico para abordagem das mídias na sala de aula, não apenas como forma de questionamento, mas principalmente, para saber lidar com ela, sua linguagem, suas estratégias, suas formas de produção e dominação, conforme analisado por Freire (1987)⁷ (ANHUSSI, 2009, p. 96).

Dentre os trabalhos analisados em nossa investigação que citavam Freire, chamou a atenção como os/as autores/as relacionavam o pensamento freiriano e as possibilidades do trabalho de leitura e produção de jornais na escola. Miranda (2007, p. 63), por exemplo, justifica que seu “olhar sobre o jornal também engloba sua possibilidade de gerar e promover diálogos e de conscientizar os estudantes para a participação e o protagonismo, um primeiro passo do que Paulo Freire chamaria de emancipação”.

Para Miranda (2007, p. 72), o pensamento de Freire e a produção de jornais próprios entre os/as educandos/as convergem no sentido de que,

de acordo com Freire (2002)⁸, uma das características da teoria da ação antidialógica é a invasão cultural, a partir da qual os invadidos, proibidos de dizer a sua palavra e expressar a sua voz, escutam a palavra dos invasores como se esta fosse a salvação. Neste sentido, o jornal escolar pode dar a possibilidade e o

⁶ A referência da obra parafraseada na citação é: FREIRE, P. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 3. ed. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1983.

⁷ FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

⁸ A referência da obra é: FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

espaço para que os educandos, sejam eles crianças, jovens ou adultos, expressem sua visão de mundo. Os ‘invadidos’ ganham a possibilidade de tornarem-se detentores da palavra, sem, entretanto, ocuparem a posição de invasores.

Já Anhussi (2009) lança mão do pensamento freiriano para discutir os resultados de sua pesquisa empírica com professores de educação básica a respeito do uso de jornais em sala de aula. Neste sentido, a perspectiva freiriana de leitura crítica (e, especificamente, de leitura crítica de mídia) se mostra essencial para a análise e discussão dos dados da pesquisa de campo e para fundamentar propostas de mudanças para as ações envolvendo o uso de jornal na escola.

A LEITURA CRÍTICA DOS MEIOS SEGUNDO FREIRE: AFINAL, QUE CONTRIBUIÇÕES SÃO POSSÍVEIS?

À luz do pensamento freiriano, Anhussi (2009, p. 35-36) destaca que

não é suficiente que o oprimido tenha consciência crítica da opressão, mas, que se disponha a transformar essa realidade; trata-se, portanto, de um trabalho de conscientização que poderá ser iniciado dentro das escolas com um ensino voltado para a criticidade das mídias e, conseqüentemente, pelo uso dos jornais impressos e digitais em sala de aula.

É nesta perspectiva de emancipação dos sujeitos a partir da leitura crítica das mídias e da produção de meios de comunicação próprios para expressar sua *voz autêntica* que são conduzidas as pesquisas sobre o uso de jornais em sala de aula a partir das contribuições da perspectiva freiriana de uma educação libertadora, dialógica e crítica.

Pessoalmente, Freire era um leitor frequente – e muito crítico – de jornais impressos e lembrava o costume de ler, desde a infância, o *Diário de Pernambuco* e o *Jornal do Comércio*, duas publicações tradicionais em Pernambuco (FREIRE, 2001).

Em diálogo com Sérgio Guimarães, Freire explica que os meios de comunicação

entram nas minhas cogitações – mesmo quando não os cito – enquanto discuto, por exemplo, o papel ativo, criador, do educando. Aí o uso de um meio desses quaisquer de comunicação, na minha ótica, deve exigir soluções técnicas que possibilitem um papel crítico e atuante do educando (FREIRE; GUIMARÃES, 1984, p. 41).

É comum a discussão sobre a presença das mídias na escola na perspectiva de que elas seriam um problema ou que os meios de comunicação *ameaçariam* a qualidade do

processo educativo, comprometendo a aprendizagem entre os alunos. No pensamento freiriano, as mídias não são *obstáculos* ou *transtornos*: são possibilidades para uma ação educativa alinhada com sua perspectiva de uma educação verdadeiramente libertadora.

Em *Cartas à Guiné-Bissau*, Freire (2011a, p. 215) defende que uma das possibilidades de trabalho para o processo de pós-alfabetização seria “a leitura e a discussão de temas propostos pelo jornal de Bissau [...]”. Assim, ele costumava defender que as mídias e seus conteúdos não deveriam ser banidos da escola, mas poderiam fazer parte do processo educativo, desde que fossem lidos, discutidos e analisados de maneira realmente crítica e consciente tanto por educados/as quanto por educadores/as.

Enfim, para Freire, era fundamental construirmos uma escola sem medo “[...] de dialogar com os chamados meios de comunicação. Uma escola sem medo de conviver com eles, chegando mesmo até, risonhamente, a dizer: ‘Vem cá, televisão, me ajuda! Me ajuda a ensinar, me ajuda a aprender!’, não?” (FREIRE; GUIMARÃES, 1984, p. 24).

A perspectiva freiriana do uso de mídias na escola se baseia na luta contra a domesticação de alunos e professores em sua relação com as mídias, para encorajar a curiosidade epistemológica entre educandas/os e educadoras/es. Assim, os meios não são *salvadores* ou detentores de uma verdade absoluta e inquestionável que deve ser memorizada, incorporada e repetida por oprimidos e oprimidas. Eles precisam ser discutidos, analisados em profundidade, criticados e educandos/as e educadores/as não podem ter seu papel reduzido a *consumidores/as* de informação: precisam ser leitores/as compromissados/as e produtores/as de conhecimentos de forma autônoma e libertadora.

Enfim, à luz do pensamento de Freire, o uso de jornais na escola vai além da mera utilização dos impressos, mas visa a desenvolver uma comunicação autêntica e emancipadora entre educandos/as e educadores/as a partir dos conteúdos publicados pelas mídias, encorajando o diálogo entre os sujeitos e deles com as mídias e com o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa visou apresentar a segunda fase de um estudo iniciado em 2011 a respeito do *uso de jornais em sala de aula* a partir de dissertações e teses defendidas no Brasil entre 2001 e 2009 (PINHEIRO; VOSGERAU, 2011). Na presente investigação, aprofundamos a análise no sentido de identificar se o educador brasileiro Paulo Freire é

uma referência nos estudos a respeito de mídia impressa na escola e em que perspectivas suas obras foram utilizadas para embasar os estudos no Brasil entre 2001 e 2009.

Se na primeira fase da pesquisa identificamos que as pesquisas ressaltavam os benefícios do uso de jornal na escola tendo em vista o incentivo à leitura e à escrita entre os alunos, nesta segunda fase compreendemos que a perspectiva freiriana é aplicada aos estudos sobre mídia na escola principalmente a partir da defesa da leitura crítica dos conteúdos publicados pelos meios de comunicação e da produção de mídias próprias para expressar sua *voz autêntica*, tendo em vista a construção de uma educação realmente libertadora, dialógica e crítica.

Tanto o processo de escrita quanto o de leitura do jornal não são neutros e há múltiplos sentidos de interpretação que um texto ou uma imagem podem gerar. Por isso, os sujeitos precisam despertar para a leitura crítica não só do texto em si, mas, indo além do que é publicado, ler de maneira crítica o contexto no qual determinado conteúdo foi produzido e agora é interpretado.

À luz de Freire, compreendemos que, por si só, o jornal (ou qualquer outro tipo de mídia) não ensina nada, não produz conhecimento e sua leitura, sem qualquer análise ou discussão, não é garantia de que o aluno esteja se tornando mais crítico e consciente. É a curiosidade epistemológica em relação aos conteúdos, a leitura crítica de textos e imagens e o diálogo amoroso, crítico e respeitoso entre educandos/as e educadores/as e deles/as com o mundo que tornam o uso de mídia na escola realmente uma *educação para a comunicação* autêntica, consciente e libertadora.

REFERÊNCIAS

ANHUSSI, Elaine Cristina. **O uso do jornal em sala de aula: sua relevância e concepções de professores.** 2009. 172p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2009.

FERREIRA, Kátia Zanvettor. **Quem lê jornal sabe mais?** As relações discursivas entre educação e jornal. 2006. 127p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2006.

FREINET, Célestin. **A educação pelo trabalho.** Lisboa: Presença, 1974a. v. 2.

FREINET, Célestin. **O jornal escolar.** Lisboa: Estampa, 1974b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Unesp, 2001.

FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade brasileira**. 3. ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 48. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo**. São Paulo: Paz e Terra, 2011a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011c.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Sobre educação: diálogos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. v. 2.

GADOTTI, Moacir. **O jornal na escola e a formação de leitores**. Brasília: Líber Livro, 2007.

GONNET, Jacques. **De l'actualité à l'école: pour des ateliers de démocratie**. Paris: Armand Colin, 1995.

KAPLÚN, Mario. **Una pedagogía de la comunicación (el comunicador popular)**. La Habana: Editorial Caminos, 2002. Disponível em: <http://perio.unlp.edu.ar/catedras/system/files/kaplun-el_comunicador_popular_0.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2016.

LAUBE, Cyntia Fabiana. **O jornal no contexto escolar: a leitura como prática social e como prática institucionalizada**. 2006. 60p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

MIRA, Marília Marques. **O papel do estágio supervisionado para o exercício profissional dos pedagogos escolares: possibilidades e desafios**. 2011. 198 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2011.

MIRANDA, Amanda Souza de. **Divulgação da Ciência e Educomunicação**: contribuições do jornal escolar para a alfabetização científica. 2007. 300p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

PAROLI, Rebeca Maria. **Avaliação de programas para aplicação de jornal em sala de aula como recurso pedagógico inovador**: uma nova gestão do ensino. 2006. 101p. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2006.

PAVANI, Cecília. **Jornal**: informação e ação. 2. ed. Campinas: Papirus, 2003.

PINHEIRO, Rafaela Bortolin. **O jornal escolar para a formação de consciência crítica à luz de Paulo Freire**: a expressão da palavra silenciada para materializar o diálogo autônomo e libertador. 2017. 281f. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2017. Disponível em:
<<http://www.biblioteca.pucpr.br/pergamum/biblioteca/img.php?arquivo=/000060/0000603a.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

PINHEIRO, Rafaela Bortolin; VOSGERAU, Dilmeire Santana Ramos. O uso do jornal impresso em sala de aula: qual o perfil das dissertações e teses defendidas no Brasil entre 2001 e 2010? In: JORNADA RED COBINCO, 2., 2011, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba: PUCPR, 2011. 1. CD-ROM

PROGRAMA JORNAL E EDUCAÇÃO. **Jornal e educação**: da leitura à cidadania - relatório sobre os programas jornal e educação. Brasília: John Snow Brasil, 2008. Disponível em: <http://www.anj.org.br/pje/images/public_docs/pesquisas/pesquisa_-_2008.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2017.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo "estado da arte" em educação. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, set. 2006.

VIANA, Fernando Valeriano; SILVA, Ynaray Joana da. O jornal e a prática pedagógica. In: CITELLI, Adilson (Org.). **Aprender e ensinar com textos não escolares**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 79-97.

ZANESCO, Rosemeire. **O Uso de Textos de Jornais e de Revistas de Divulgação Científica para o Ensino de Educação Ambiental na Educação de Jovens e Adulto (EJA)**. 2009. 122p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, 2009.

ZUFFO, Darcí. **A formação de professores para o uso das tecnologias educacionais**: o que apontam as teses e dissertações defendidas no Brasil no período de 2003 a 2008. 2011. 145p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2011.